



---

---

## ESTUDANDO A SENSIBILIDADE

---

---

CENTRO ESPÍRITA LÉON DENIS

Meus irmãos, ao longo de muitos anos, a Casa Espírita apresenta inúmeras oportunidades de estudo, e consequente aprendizado, para todos os que sinceramente desejam respostas às suas indagações.

Neste ano, falamos da sensibilidade. E quando se fala de sensibilidade, fala-se também do sentir pelo coração. Muitas almas se perdem em pesquisas no sentido de perceber as causas que nos fazem sentir pela pele, quando, muitas vezes, esquecemos de sentir pelo sentimento.

Percepções... sensações do espírito, que estão associadas, sem sombra de dúvida, à própria capacidade do espírito que as sente.

Dor, angústia, sofrimento maceram certos espíritos deixando-os frágeis, vulneráveis, inseguros, quando não inquietos, diante de determinadas circunstâncias, enquanto que outros se sentem cada vez mais enrijecidos diante da dor; alguns se sentem perplexos, perturbados, doídos. Estudarmos todas essas questões significa ampliar o nosso entendimento acerca da realidade espiritual.

Que todos, ao estudarem sobre a sensibilidade, recordem que a bondade de Deus deu a todos nós o progresso a ser feito. Neste esforço de aprendizado, também nós, os que vamos apenas aprender, apreendamos muito do que nos tenham a dizer. Há, certamente, muita coisa para compreender; certamente, muita coisa para entender. Busquem perceber a realidade do mundo espiritual, buscando entender a si próprios. Olhem para vocês mesmos e, assim, todos entenderão, realmente, o que vem a ser o mundo em que se vive.

Que Deus e Jesus nos ajudem, nos abençoem e nos conduzam para este momento de estudo e de aprendizado!

Graças a Deus, meus irmãos! Que Jesus fique com todos nós!

*Balthazar*, pela graça infinita de Deus!

Do livro: *Pela Graça Infinita de Deus*, vol. 2. CELD  
Psicofonia: Altivo C. Pamphiro

Veja as palestras pelo nosso site:  
[www.celd.org.br](http://www.celd.org.br)



Centro Espírita Léon Denis. Rua Abílio dos Santos, 137,  
Bento Ribeiro, RJ - RJ. Telefax (21) 2452-1846.

**Item do Livro a ser estudado:**  
***O Livro dos Espíritos – Cap. VI – Segunda Parte –***  
**“Vida Espírita”, item 257**

---

**ENSAIO TEÓRICO SOBRE A SENSAÇÃO NOS ESPÍRITOS**

---

257. O corpo é o instrumento da dor; se não é a causa primeira, é, pelo menos, a causa imediata. A alma tem a percepção dessa dor: esta percepção é o efeito. A lembrança que dela conserva pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. Com efeito, nem o frio nem o calor podem desorganizar os tecidos da alma; a alma não pode enregelar-se nem queimar-se. Não vemos, todos os dias, a recordação ou a apreensão de um mal físico produzirem o efeito real? Ocasionar até a morte? Todo mundo sabe que as pessoas amputadas sentem dor no membro que não existe mais. Certamente, não está, nesse membro, a sede, nem mesmo o ponto de partida da dor; foi o cérebro que conservou-lhe a impressão, apenas isto. Pode-se, portanto, admitir que haja alguma coisa análoga nos sofrimentos do Espírito, após a morte. Um estudo mais aprofundado do perispírito, que desempenha um papel tão importante em todos os fenômenos espíritas: nas aparições vaporosas ou tangíveis, no estado do Espírito, no momento da morte; na ideia tão frequente de que ainda está vivo; o quadro tão comovente dos suicidas, dos supliciados, das pessoas que se deixaram absorver pelos gozos materiais e tantos outros fatos, que vieram lançar a luz sobre esta questão e proporcionaram explicações que resumimos aqui.

O perispírito é o elo que une o Espírito à matéria do corpo; ele é haurido do meio ambiente, do fluido universal; participa, ao mesmo tempo, da eletricidade, do fluido magnético e, até um certo ponto, da matéria inerte. Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria; é o princípio da vida orgânica, mas não o é da vida intelectual: a vida intelectual está no Espírito. É, além disso, o agente das sensações exteriores. No corpo, a recepção destas sensações localiza-se nos órgãos que lhes servem de canais. Destruído o corpo, as sensações tornam-se gerais. Eis por que o Espírito não diz que sofre mais da cabeça do que dos pés. É preciso, ainda, evitar confundir as sensações do perispírito, que se tornou independente, com as do corpo: só podemos tomar estas últimas como termo de comparação e não como analogia. Libertado do corpo, o Espírito pode sofrer; este sofrimento, porém, não é o do corpo. Não é, entretanto, um sofrimento exclusivamente moral, como o remorso, já que se deixa passar do frio e do calor; ele não sofre mais no inverno do que no verão: temo-los visto passar através das chamas, sem nada experimentar de penoso; a temperatura não lhes causa, portanto, impressão alguma. A dor que sentem não é, pois, propriamente, uma dor física: é um vago sentimento íntimo, do qual o próprio Espírito nem sempre se apercebe com clareza, precisamente porque a dor não é localizada e porque não é produzida por agentes exteriores: é muito mais uma recordação do que uma realidade, uma reminiscência, igualmente, muito penosa. Todavia, algumas vezes, há mais do que uma lembrança, como vamos ver.

A experiência nos ensina que, no momento da morte, o perispírito se desliga, mais ou menos lentamente, do corpo; durante os primeiros instantes, o Espírito não encontra explicação para a sua situação; não acredita estar morto; sente-se vivo; vê seu corpo ao lado, sabe que lhe pertence e não compreende que dele esteja separado; este estado dura, enquanto houver um elo entre o corpo e o perispírito. Um suicida nos dizia: “Não, não

estou morto”. E acrescentava: “*entretanto, sinto os vermes a me roerem.*” Ora, certamente, os vermes não roíam o perispírito e, menos ainda, o Espírito; roíam apenas o corpo. Mas, como a separação do corpo e do perispírito não era completa, daí resultava uma espécie de repercussão moral, que lhe transmitia a sensação daquilo que se passava com o corpo. Repercussão, talvez não seja a palavra certa, porque poderia levar a acreditar num efeito muito material; era muito mais a visão do que se passava com o seu corpo, ao qual seu perispírito o prendia, que nele produzia uma ilusão, que ele tomava por realidade. Desse modo, não era uma reminiscência, já que, durante sua vida, ele não tinha sido roído pelos vermes: era o sentimento de um fato atual. Vê-se, desta forma, as deduções que podemos fazer dos fatos, quando atentamente observados. Durante a vida, o corpo recebe as impressões exteriores e as transmite ao Espírito por intermédio do perispírito, que constitui, provavelmente, o que se chama de fluido nervoso. Estando morto o corpo, nada mais sente, porque nele não há mais Espírito nem perispírito. O perispírito, liberto do corpo, experimenta a sensação; porém, como ela não lhe chega mais através de um canal limitado, torna-se geral. Ora, como o perispírito é apenas um agente de transmissão, visto que é o Espírito que possui a consciência, daí resulta que, se pudesse existir um perispírito sem Espírito, ele não sentiria mais do que o corpo quando está morto; da mesma forma que, se o Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a qualquer sensação pensosa; é o que acontece com os Espíritos completamente purificados. Sabemos que, quanto mais eles se depuram, mais etérea se torna a essência do perispírito; donde se conclui que a influência material diminui, à medida que o Espírito progride, isto é, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro.(...)

Ao dizer que os Espíritos são inacessíveis às impressões da nossa matéria, queremos falar dos Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não tem analogia neste mundo. O mesmo não se dá com aqueles cujo perispírito é mais denso; estes percebem nossos sons e odores, não, porém, através de uma parte limitada de sua individualidade, como quando estavam vivos. Poder-se-ia dizer que as vibrações moleculares se fazem sentir em todo o seu ser e lhes chegam, assim, ao *sensorium commune*, que é o próprio Espírito, embora de uma maneira diferente e, talvez, também com uma impressão diferente, o que produz uma modificação na percepção. Eles ouvem o som da nossa voz e, todavia, nos compreendem sem o auxílio da palavra, somente pela transmissão do pensamento; e, o que vem apoiar o que dizemos, é que essa penetração é tanto mais fácil, quanto mais desmaterializado é o Espírito. Quanto à visão, ela independe de luz, como a nossa. A faculdade de ver é um atributo essencial da alma: não há obscuridade para ela; porém é mais extensa, mais penetrante naqueles que são mais purificados. A alma, ou Espírito, possui, portanto, em si mesma, a faculdade de todas as percepções; na vida corporal, elas são obliteradas pela grosseria dos nossos órgãos; na vida extracorpórea, elas o são cada vez menos, à medida que se utiliza o envoltório semimaterial.

Esse envoltório, haurido no meio ambiente, varia conforme a natureza dos mundos. Passando de um mundo ao outro, os Espíritos mudam de envoltório como mudamos de roupa, ao passar do inverno para o verão, ou do polo ao Equador. Os Espíritos mais elevados, quando vêm nos visitar, revestem, portanto, o perispírito terrestre e, então, suas percepções se produzem como nos nossos Espíritos comuns; todos, porém, inferiores e superiores, só ouvem e sentem o que querem ouvir e sentir. Sem possuir órgãos sensitivos, podem, à vontade, tornar suas percepções ativas ou nulas; apenas uma coisa são forçados a ouvir: são os conselhos dos bons Espíritos. A visão é sempre ativa, mas eles podem, reciprocamente,

tornar-se invisíveis uns aos outros. Conforme a categoria que ocupem, podem ocultar-se daqueles que lhes são inferiores, mas não daqueles que lhes são superiores. Nos primeiros momentos que se seguem à morte, a visão do Espírito é sempre turvada e confusa; clareia-se, à medida que ele se liberta, e pode adquirir a mesma nitidez que possuía durante a vida, independentemente de sua penetração através dos corpos que, para nós, são opacos. Quanto à sua extensão através do Espaço indefinido, no futuro e no passado, ela depende do grau de pureza e de elevação do Espírito.

Toda essa teoria, dir-se-á, não é tranquilizadora. Pensávamos que, uma vez desligados do nosso grosseiro envoltório, instrumento de nossas dores, não sofreríamos mais e eis que nos informais que ainda sofreremos; de uma forma ou de outra, o sofrimento continua. Ai de nós! Sim, podemos sofrer ainda, muito e durante longo tempo, mas podemos também não sofrer mais, desde o instante mesmo em que deixamos a vida corporal.

Os sofrimentos deste mundo independem, algumas vezes, de nós; muitos, porém, são consequências da nossa vontade. Que se remonte à fonte e ver-se-á que o maior número deles é o efeito de causas que teríamos podido evitar. Quantos males, quantas enfermidades, o homem não deve aos seus excessos, à sua ambição, numa palavra: às suas paixões? O homem que sempre tivesse vivido sobriamente, que de nada tivesse abusado, que sempre tivesse sido simples nos seus gostos, modesto nos seus desejos, evitaria muitas tribulações. O mesmo se dá com o Espírito; os sofrimentos que suporta são sempre a consequência da maneira como viveu na Terra; certamente, não sofrerá mais de gota nem de reumatismos, mas terá outros sofrimentos equivalentes. Vimos que seus sofrimentos são o resultado dos elos que ainda existem entre ele e a matéria; que quanto mais liberto da influência da matéria, ou melhor, quanto mais desmaterializado, menos sensações penosas experimentará; ora, depende dele o libertar-se dessa influência, desde esta vida; ele tem seu livre-arbítrio e, por conseguinte, a escolha entre fazer e não fazer; que ele dome suas paixões animais, que não tenha ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; que não seja dominado pelo egoísmo; que purifique sua alma, através dos bons sentimentos; que faça o bem; que não dê às coisas deste mundo senão a importância que merecem; então, embora sob o envoltório corporal, já se encontrará depurado, já se achará desligado da matéria e, quando deixar esse envoltório, não lhe experimentará mais a influência; os sofrimentos físicos que suportou nenhuma recordação dolorosa lhe deixam; nenhuma impressão desagradável lhe resta, porque apenas afetaram o corpo e, não, o Espírito; ele fica feliz por ter-se libertado deles e a paz de sua consciência o liberará de qualquer sofrimento moral. Interrogamos, aos milhares, Espíritos que pertenceram a todas as classes da sociedade, a todas as posições sociais; nós os estudamos em todos os períodos de sua vida espiritual, desde o instante em que deixaram seus corpos; nós os seguimos, passo a passo, nessa vida de além-túmulo, para observar as mudanças que neles se operavam, nas suas ideias, nas suas sensações e, sob esse aspecto, os homens mais comuns não foram os que nos forneceram os temas de estudo menos preciosos. Ora, sempre vimos que os sofrimentos estão relacionados com a conduta cujas consequências eles experimentam, e que essa nova existência é a fonte de uma felicidade inefável para aqueles que seguiram o bom caminho; donde se conclui que aqueles que sofrem, assim o quiseram, logo só devem culpar a si mesmos, tanto no outro mundo, quanto neste.